



Cristina Moisão

1ª parte

Hospitais Medievais de Lisboa

Pouco se tem estudado o sistema hospitalar português no período medieval, provavelmente pela escassez de documentos e notória dificuldade em reunir dados bibliográficos coerentes que permitam contar a história de cada instituição. Será evidente porém, que a medicina hospitalar moderna não existiria sem o contributo dos conhecimentos adquiridos durante toda a história da humanidade. Não ignoremos assim oito centúrias da nossa história hospitalar!

Lisboa Medieval

Calcula-se que a população de Lisboa seria de 5000 habitantes no ano de 1147, cerca de 63500 no reinado de D. João I¹ e 100.000 ano de 1551.² A área da cidade era reduzida, limitada inicialmente pela Cerca Moura ou Cerca Velha, que abrangia o castelo com a alcáçova e cercava o velho bairro de Alfama até ao Tejo; mais tardiamente, o crescimento da cidade obrigou à construção da muralha Dionisina no fim do séc. XIII, para protecção do casario que se estendia principalmente para ocidente; posteriormente se completou a defesa de Lisboa com a Cerca Fernandina ou Cerca Nova, entre 1373 e 1375.

Lisboa seria na época uma cidade suja, encontrando-se

vários documentos legislando sobre a higiene da cidade; as ruas encontravam-se repletas de lixo doméstico, de esterqueiras, do conteúdo dos camareiros (bacios) lançado na via pública, de cadáveres de animais e dejectos das bestas de carga e transporte. O urbanismo não contemplava geralmente o saneamento básico. Sabe-se porém, que já existiam canos que esgotavam latrinas e águas pluviais, balneários públicos, calcetamento de algumas ruas e água potável canalizada para chafarizes. O hábito do banho era comum, por influência das civilizações greco-romana e muçulmana; era costume pentear cabelo e barba, as roupas eram lavadas com frequência e existia

o costume de lavar as mãos antes e depois de cada refeição. No interior das habitações existiam lavatórios, banheiras e latrinas, estas últimas sobretudo nas casas mais abastadas.³ Dentro das medidas ditas higiénicas, a alimentação tinha um papel primordial. Os costumes da Idade Média incluíam o consumo de carnes variadas, consideradas indispensáveis a uma adequada conservação da saúde (boi, cabra, ovelha, porco, aves, cervo e urso), assim como peixe,⁴ especiarias várias, hortaliças, legumes e fruta, lacticínios, ovos, vinagre, mel, sendo o azeite largamente consumido; o açúcar era primordialmente importado, embora se conheçam plantações de cana sacarina no

Algarve e na Madeira.⁵ O vinho era de consumo comum, tanto de pobres como de ricos, sendo que também era largamente utilizado nas curas, por conselho dos físicos.⁶

A arquitectura hospitalar

Não podemos falar apropriadamente de verdadeira arquitectura hospitalar, excepto no caso das gafarias, pois a maioria dos hospitais instalavam-se em casas que tinham sido de habitação. As casas de Lisboa tinham na época de um a três pisos (loja e sobrados), frequentemente com varanda projectada para a rua nos pisos superiores, sendo o chão de terra batida, tijolo ou pedra. As gafarias eram construídas com mais preocupação; o tipo de construção adoptado em toda a Europa era constituído por uma cerca contendo pequenas moradias, cada uma destinada a um casal ou família, e enfermarias colectivas destinadas a leprosos isolados.⁷

A actividade clínica

Pouco se sabe do sistema assistencial dos doentes em Lisboa durante a Alta Idade Média. Sabe-se que o mundo árabe tinha bons hospitais e o seu povo foi o precursor dos hospitais ambulantes, tendas que se deslocavam entre as diversas povoações com o objectivo de tratar as suas populações. A clínica medieval era realizada no domicílio, pelo que nenhum dos hospitais possuía médico privativo, sendo este chamado quando necessário. Os cuidados diários eram prestados por enfermeiros, albergueiros e hospitaleiros.⁸ A prática médica não se restringia a tratar os ricos para obter honorários; pelo contrário, era a prática nos

hospitais que contribuía para a fama do médico, tornando-o conhecido de modo a facilitar a sua contratação pelas classes mais abastadas. A hierarquia médica encontrava-se bem determinada: no topo havia o Físico ou médico autêntico, alguns sendo especialistas de determinadas doenças; seguia-se o cirurgião e por fim o sangrador e o barbeiro, o qual também procedia a sangrias; por fim encontramos bruxos e curandeiros.⁹ Os físicos e os cirurgiões estavam autorizados a possuir livros de artes em hebraico, atestando a importância da civilização judaica nas ciências da saúde.

Em toda a Idade Média, o principal tratamento das doenças consistia na purificação da alma por actos religiosos e de contrição, tendo a Medicina e a Farmacologia um papel secundário. Os tratamentos incluíam ainda o domínio sobre a ciência dos astros, magia, receitas de mezinhas variadas, sangrias, purgas e actos cirúrgicos. Na cirurgia, os abscessos e as feridas por arma branca eram facilmente tratadas, com relativo êxito. A obstetrícia ligava-se fortemente a superstições, protecção religiosa e astronomia; praticava-se o aborto e o parto prematuro quando existia perigo de vida para a grávida. Os fármacos necessários ao tratamento de cada enfermidade eram adquiridos em qualquer botica a expensas da casa, sendo que alguns dos hospitais, sobretudo os dos conventos, possuíam botica própria; as boticas estavam sujeitas a fiscalização pelos físicos e a sua prática fundamentava-se em tratados, a maioria dos quais de origem árabe.¹⁰

1- Carlos Guardado da Silva, Lisboa Medieval – a organização e a estruturação do espaço urbano, Lisboa, Edições Colibri, 2008, p. 267-269

2- Cristóvão Rodrigues de Oliveira, Lisboa em 1551 - Sumário (em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas como seculares que há na cidade de Lisboa), Livros Horizonte, 1987, p. 101

3- A. H. De Oliveira Marques, A Sociedade Medieval Portuguesa – aspectos da vida quotidiana, Lisboa, edições A Esfera dos Livros, 2010, p. 117-121

4- Salvador Dias Arnaut, A arte de comer em Portugal na Idade Média, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986, p. 18-23

5- Salvador Dias Arnaut, A arte de comer em Portugal na Idade Média, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986, p. 45-46

6- Salvador Dias Arnaut, A arte de comer em Portugal na Idade Média, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986, p. 33-34

7- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 5-6

8- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 8

9- A. H. De Oliveira Marques, A Sociedade Medieval Portuguesa – aspectos da vida quotidiana, Lisboa, edições A Esfera dos Livros, 2010, p. 131

10- A. H. De Oliveira Marques, A Sociedade Medieval Portuguesa – aspectos da vida quotidiana, Lisboa, edições A Esfera dos Livros, 2010, p. 131-132



O ensino da Medicina

Nos primórdios da história o ensino da medicina não se encontrava organizado, sendo habitual a transmissão oral dos conhecimentos às gerações vindouras. No início da Idade Média a Medicina era ensinada geralmente por eclesiásticos, que liam os ensinamentos da prática greco-romana aos discípulos, práticas descuradas pela medicina árabe, enquanto esta última considerava especialmente as plantas com efeitos terapêuticos.

No ano de 1288 ou 1289 instalase em Lisboa, por ordem de D. Dinis, o Estudo Geral. As primeiras faculdades instituídas foram as de Artes, Leis, Cânones e Medicina. D. Dinis disciplinou o ensino da medicina em 1309, explicitando: *“ordenamos ainda que de futuro haja no Estudo um mestre em Medicina, a fim de que os corpos de nossos súbditos, agora*

*e no futuro, sejam orientados por um conveniente regime de saúde”*¹¹

O Hospital Medieval

Sendo Lisboa uma cidade abastada, com variadas comunidades religiosas de diferentes credos e uma miríade de estrangeiros que se dedicavam sobretudo ao comércio, foi inevitável o surgimento de numerosos hospitais. O hospital na Idade Média era uma pequena instituição economicamente independente à custa de rendas de propriedades doadas por beneméritos, com regulamentos de funcionamento que na generalidade garantiam prioritariamente os direitos dos doentes e pobres e que exigiam aos funcionários rigorosos deveres.¹² Na generalidade, existiam diversas nomenclaturas em relação com as funções: os Hospitais tratavam doentes, as Albergarias acolhiam gente de passagem, as Gafarias, lazaretos

ou leprosarias recolhiam leprosos e as Mercerias e hospitais de meninos abrigavam idosos e inválidos ou crianças; existiam ainda os hospitais de Banhos, os destinados exclusivamente a crianças, ou a “incuráveis”, alguns albergando um dos sexos, outros mistos. As obrigações dependiam sobretudo do desejo dos seus fundadores, algumas vezes por legado testamentário. Na generalidade, calcula-se que a média de camas fosse de 5, uma vez que a lotação variava muitíssimo; o maior número de camas conhecido foi de 25.

A administração hospitalar dependia das disposições dos seus fundadores e das circunstâncias do momento, podendo ser religiosa, secular ou leiga, assim como individual ou colectiva, por vezes zelosa e honesta, outras vezes desleixada, parasitária ou rapace.¹³ Ao longo da Idade

Média foram-se acumulando queixas e acusações devido a múltiplos interesses acumulados, conduzindo ao desejo de reforma iniciado por D. Afonso V e mais tardiamente concretizado por D. João II, pela rainha D. Leonor e D. Manuel I, com a formação do Hospital Real de Todos os Santos agregando 43 dos hospitais medievais de Lisboa.

Trataremos em seguida de descrever um brevíssimo resumo dos hospitais existentes em Lisboa anteriores à fundação do Hospital Real de Todos-os-Santos.

As gafarias

- **Gafaria da freguesia dos Mártires:** localizava-se fora das muralhas antes de construída a cerca fernandina, na freguesia dos Mártires, talvez no local da actual Rua Nova do Almada¹⁴; tendo um provedor escolhido pelo rei, é a mais antiga de Lisboa, existindo lendariamente à data da tomada da cidade, facto não confirmado por nenhum documento consultado.

- **Gafaria de S. Lázaro:** provavelmente anterior à fundação da nacionalidade, sem que seja possível confirmação documental deste facto, é referida no testamento de Ousenda Leonardes em 1325¹⁵. Ignora-se a responsabilidade da sua fundação. Presume-se que se situava no Poio de S. Lázaro, na encosta que subia da Mouraria para o Campo do Curreal (Campo de Santana). Uma vez que se encontrava no exterior da muralha de D. Fernando, é possível que tenha recebido os gafos dos Mártires, quando essa freguesia foi abrangida pela terceira muralha

de Lisboa.¹⁶ A localização desta gafaria é, no entanto, algo controversa, uma vez que se confunde nos documentos com a dos Mártires, desconhecendo-se se existiram ambas ou se uma deu lugar à outra.¹⁷ A gafaria tinha um provedor ou vedor, eleito entre os vereadores por um período de um ano, um escrivão, um capelão que era escolhido e pago pela cidade, com as funções de dizer missa três vezes por semana.¹⁸ Os rendimentos para o seu funcionamento provinham de propriedades doadas e às pertencentes aos gafos que nela faleciam, as quais revertiam para a Casa; segundo o regimento datado de 1460, cada morador de Lisboa e do seu termo deveria oferecer aos leprosos um real por ano, provindo assim ajuda para o respectivo sustento.¹⁹ Encontra-se referenciada no *Sumário de 1551*: “A Ermida de são Lázaro está na Freguesia de santa justa. Há nesta ermida três confrarias, ou seja, a de são Lázaro, a de santa Marta, e a de Nossa Senhora. (...) Nesta casa se curam e mantêm os gafos.”²⁰ Parece ter a gafaria funcionado independente até finais do século XIX.²¹

- **Gafaria em Odivelas**²²

- **Gafaria em Sacavém**²³: localizava-se junto à Capela de Santo André, tendo associada uma Albergaria para peregrinos²⁴

- **Gafaria da freguesia da Madalena**: situava-se nas Fangas Velhas, próxima do hospital de Nossa Senhora das Mercês, às Pedras Negras.²⁵

Os hospitais termiais

- **Termas dos Cássios:** uma inscrição encontrada numa placa de cor vermelha em

11- J. Martins e Silva, Anotações sobre a história do ensino da Medicina em Lisboa, desde a criação da Universidade Portuguesa até 1911 – 1ª Parte, RFML, série III; 7 (5), 2002, p. 237

12- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 3-4

13- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 8

14- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 12

15- Rita Luis Sampaio da Nóvoa, A Casa de São Lázaro de Lisboa – Contributos para uma história das atitudes face à Doença (sécs. XIV – XV), dissertação de mestrado em história medieval, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 2010, p. 76-77

16- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 12

17- Rita Luis Sampaio da Nóvoa, A Casa de São Lázaro de Lisboa – Contributos para uma história das atitudes face à Doença (sécs. XIV – XV), dissertação de mestrado em história medieval, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 2010, p. 79

18- Rita Luis Sampaio da Nóvoa, A Casa de São Lázaro de Lisboa – Contributos para uma história das atitudes face à Doença (sécs. XIV – XV), dissertação de mestrado em história medieval, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 2010, p. 86

19- Rita Luis Sampaio da Nóvoa, A Casa de São Lázaro de Lisboa – Contributos para uma história das atitudes face à Doença (sécs. XIV – XV), dissertação de mestrado em história medieval, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 2010, p. 91

20- Cristóvão Rodrigues de Oliveira, Lisboa em 1551 - Sumário (em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas como seculares que há na cidade de Lisboa), Livros Horizonte, 1987, p. 54

21- Rita Luis Sampaio da Nóvoa, A Casa de São Lázaro de Lisboa – Contributos para uma história das atitudes face à Doença (sécs. XIV – XV), dissertação de mestrado em história medieval, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 2010, p. 79

22- José-Augusto França, Lisboa, História Física e Moral, 2ª ed, Lisboa, Livros Horizonte, 2009, p. 72

23- José-Augusto França, Lisboa, História Física e Moral, 2ª ed, Lisboa, Livros Horizonte, 2009, p. 72

24- <http://www.jfsacavem.pt/>

25- Vieira da Silva, As Muralhas da Ribeira de Lisboa, 2ª ed., Vol. I, Câmara Municipal de Lisboa, 1940, p. 160-161



Cerca Moura de Lisboa, perto das Portas do Sol (Cristina Moisão, 2011)

1771, nas casas do Palácio do Correio-Mor,²⁶ dizia: “*Termas dos Cassios, reconstruídas desde o solo a mandado de Numério Albano, varão muito ilustre, governador da província da Lusitânia, sendo encarregado Aurélio Firmo, no ano em que foram cônsules Nepociano e Facundo*”. O padre D. Tomás Caetano de Bem transmitiu-nos a descrição das termas como um tanque rectangular, dentro do qual se encontravam os vestígios de um assento e sinais de um cano de água.²⁷ Sabemos então que a reconstrução das termas se realizou no ano de 336, desconhecendo-se a época da construção original e os períodos de funcionamento; estariam elas ainda em funcionamento na Alta Idade Média?

- **Banhos da Alfama ou Alcaçarias:** no período muçulmano conheciam-se em Lisboa fontes de água quente, designadas por *al-hammã*, de onde deriva a palavra Alfama. “*São termas abobadadas nas quais brota água quente e água fria que a maré cheia cobre*.”²⁸ No período cristão medieval (1392), estavam os banhos de alfama nas mãos dos monges cistercienses do Mosteiro de Alcobaça.²⁹ Ainda no séc. XIV, existe uma referência à posse ou administração das fontes por um João Roal e à administração de outras pelo Mosteiro de Alcobaça.³⁰ Duarte Nunes Leão, na “*Descrição do Reino de Portugal*” de 1610, descreve que as Alcaçarias “*serviam às mulheres de serviço para ensaboarem a roupa, por escusarem aquecer a água, a qual se se bebesse, parecia que fazia algum bom efeito*.” Em 1716, D. Nuno Álvares Pereira de Melo, primeiro duque do

Cadaval, fez construir um estabelecimento termal com catorze tinas, seis para homens e oito para mulheres, que se passaram a designar por Alcaçarias do Duque; a casa foi reformada e forrada de azulejo em 1864, ficando com quinze quartos.³¹ A descrição médica das águas, afirma que são “*... de muita utilidade em curar as intemperanças quentes das entranhas, do sangue, do útero, dos rins e das mais partes do corpo; e os estupores e parlesias espúrios; a debilidade de estômago; a fraquesa e queixas das juntas que ficam das gotas artéticas, e reumatismos; as convulsões, os acidentes do útero (...), os vômitos dos hipocôndrios; as diarreias (...). Para os achaques a que chamam do fígado, são prodigiosos, porque curam as pústulas, sarnas, impingens, lepra e todos os achaques e defecções cutâneas...*”. Actualmente as nascentes encontram-se seladas e a água é aduzida para o Rio Tejo em condutas de localização desconhecida,³² conhecendo-se a existência de 6 fontes ao longo da Rua do Terreiro do Trigo, sendo 4 de água quente: Alcaçarias de D. Clara³³ (24º-28ºC), Alcaçarias do Baptista (32º a 34ºC), Banhos do Doutor (27ºC) e as Alcaçarias do Duque³⁴ (30ºC a 34ºC).

- **Hospital dos Homens e Banho ou Banhos de Afonso Bocharo:** situado na freguesia de S. Julião, na Judiaria Grande (Judiaria da Taracenas ou Judiaria Nova) mais tarde Rua dos Confeiteiros, perto da igreja da Conceição Velha, sendo pertença e utilizado apenas por judeus. Sabe-se que o banho destinado aos tratamentos tinha 4,03m x 1,375m. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.³⁵

26- CIL II = Emílio HÜBNER, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Berlim, 1869 e 1892, citado por José d’Encarnação, *As Termas dos Cássios em Lisboa- ficção ou realidade?*, em *LUSITÂNIA ROMANA – ENTRE O MITO E A REALIDADE*, Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana, Cascais, Edição da Câmara Municipal de Cascais, 2009, p. 481-493

27- Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga – Bairros Orientais*, 2ª ed., vol. I, Câmara Municipal de Lisboa, 1935, p. 137-148

28- Almunime Al-Himyari (1002 – 1085, cujas fontes são Abu Al-Bakri e Edrici), citado por António Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe*, 3ª ed. Caminho, Lisboa, 2008, p.47

29- Carlos Guardado da Silva, *Lisboa Medieval – a organização e a estruturação do espaço urbano*, Lisboa, Edições Colibri, 2008, p. 86, p. 96

30- http://www.aguas.ics.ul.pt/lisboa_alcarias.html

31- Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga – Bairros Orientais*, 2ª ed., vol. I, Câmara Municipal de Lisboa, 1935, p. 304-305

32- Elsa Cristina Ramalho e Maria Carla Lourenço, *As Águas de Alfama como património hidrogeológico de Lisboa*, Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação, em <http://www.lneg.pt>, p.1-4

33- Fundadas por D. Clara Xavier de Aguiar em 1759. <http://www.aguas.ics.ul.pt>

34- Exploradas pelo Duque do Cadaval a partir de 1716, já se encontravam destruídas em 1864 segundo um autor, mas encontrando-se novamente referenciadas como funcionantes em 1892e 1894. <http://www.aguas.ics.ul.pt>

35- Fernando da Silva Correia, *Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga*, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11



Cristina Moisão

2ª parte

Hospitais Medievais de Lisboa

Conseguimos apurar a existência de 29 hospitais, com data de funcionamento conhecida, ignorando-se em muitos a data de fundação, o nome dos seus beneméritos e a época em que terminaram funções. Não chegou até nós informação que permita a rigorosa localização de todos, embora na sua maioria seja possível determinar a freguesia onde se situavam.

A) Século XII

- **Hospital-barraca do arraial de D. Afonso Henriques:** mandou D. Afonso Henriques, ao tempo da tomada de Lisboa, constituir junto de cada arraial uma enfermaria em tendas, para tratamento dos feridos do cerco. Cada tenda teria no seu topo um altar, onde foi colocada uma imagem da Santíssima Virgem da Conceição, a qual tomou o nome de Nossa Senhora da Enfermaria após ter servido aos feridos.¹

- **Hospital de S. Vicente:** pertencia ao mosteiro de S. Vicente, fundado por D. Afonso Henriques.² O mosteiro encontrava-se ao tempo no exterior dos muros da cidade, pelo que foi designado por S. Vicente de Fora.

- **Albergaria de Payo Delgado e Mercearia de João das Regras:** a Albergaria foi fundada cerca de 1154, junto à Igreja de S. Bartolomeu (actual Poço do Borratém), por Payo Delgado, companheiro de armas de D. Afonso Henriques na tomada de Lisboa, sendo considerada uma das mais importantes da cidade. A Albergaria foi substituída, nos últimos anos do séc. XIV ou primeiros do séc. XV, por uma mercearia instituída por João Afonso de Aregas (João das Regras por corrupção do nome), para 20 merceiras.³

B) Século XIII

- **Hospital de Santa Maria de Rocamador ou de Frei João (?):** estava situado na Rua Nova

Del-Rei, no adro da Igreja de S. Julião; o hospital foi fundado em 1200 (?), por Pedro Esteves e sua mulher Clara Geraldês. Em 1300, foi fundada a confraria da mesma invocação, passando o governo do hospital para as mãos dos confrades. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.⁴

- **Hospital da Santíssima Trindade e Albergaria da Trindade:** pertencia ao mosteiro da Trindade; foi fundado em 1208 por D. Sancho I, junto do mosteiro, destinando-o a cativos remidos. Tinha anexa uma Albergaria.⁵

- **Hospital de Santa Maria do Paraíso:** situado na Rua da Regueira, freguesia de Salvador, em Alfama; a sua fundação parece ser anterior a 1240. Foi



Casa que lendariamente terá pertencido a João das Regras, no Poço do Borratém (Cristina Moisão, 2011)

incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.⁶

- **Hospital dos Meninos:** situava-se na Mouraria, próximo da Capela de Nossa Senhora da Saúde, na Rua Direita da porta de São Vicente, possuindo igreja própria⁷. Foi fundado por D. Beatriz de Gusmão, mulher de D. Afonso III, antes de 1258, com provedor directamente escolhido pelo rei; destinava-se a abrigar meninos órfãos e engeitados. A Rainha Santa Isabel e D. Dinis deram-lhe bens, sendo mais tarde ampliado e restaurado, por ordem de D. Catarina, mulher de D. João III. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.⁸

- **Hospital de S. Paulo, S. Clemente e Santo Elói e**

Mercearia de D. Domingos Jardo: fundado pelo bispo de Lisboa D. Domingos Eanes Jardo, cerca de 1284, na freguesia de S. Bartolomeu.⁹ Gerido por doze capelães, foi por morte do bispo entregue aos monges de Alcobaça durante 23 anos.¹⁰ A Mercearia destinava-se a 20 merceiros, 6 estudantes e 15 meninos de escola; administrado a partir de 1442 pelos cônegos de S. João Envagelista – os Lóios. Este hospital foi um dos mais importantes de Lisboa,¹¹ estando associado a um colégio. O local do hospital foi mais tarde ocupado pelo convento de Santo Elói, no Largo dos Loios.

- **Hospital de Nossa Senhora de Belém ou dos Palmeiros**

1- Júlio de Castilho, Lisboa Antiga – Bairros Orientais, 2ª ed., vol. II, Câmara Municipal de Lisboa, 1935, p. 219-220

2- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

3- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 12

4- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

5- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

6- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11

7- Augusto da Silva Carvalho, Crónica do Hospital de Todos-os-Santos, Edição do V Centenário da Fundação do Hospital Real de Todos-os-Santos, 1992, p. 284

8- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11

9- Cristóvão Rodrigues de Oliveira, Lisboa em 1551 - Sumário (em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas como seculares que há na cidade de Lisboa), Livros Horizonte, 1987, p. 69

10- Carlos Guardado da Silva, Lisboa Medieval – a organização e a estruturação do espaço urbano, Lisboa, Edições Colibri, 2008, p. 243 - 345

11- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11 - 12

- 12- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11 e 12
- 13- Luiz de Macedo, A Rua das Pedras Negras, Lisboa, Edição da UP, 1931, p.24
- 14- Paróquias da Baixa-Chiado, Memórias de Uma Cidade Destruída, Alêtheia Editores, 2005, p. 112
- 15- Júlio de Castilho, Lisboa Antiga – Segunda Parte – Bairros Orientais, 2ª ed., vol. IX, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1937, p. 190
- 16- Paróquias da Baixa-Chiado, Memórias de Uma Cidade Destruída, Alêtheia Editores, 2005, p. 162
- 17- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11
- 18- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11
- 19- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11
- 20- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 12
- 21- Júlio de Castilho, Lisboa Antiga – Bairros Orientais, 2ª ed., vol. VI, Câmara Municipal de Lisboa, 1936, p. 104-106
- 22- A. H. De Oliveira Marques, A Sociedade Medieval Portuguesa – aspectos da vida quotidiana, Lisboa, edições A Esfera dos Livros, 2010, p. 120
- 23- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11
- 24- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11
- 25- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11
- 26- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11
- 27- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11 e 12
- 28- Carlos Guardado da Silva, Lisboa Medieval – a organização e estruturação do espaço urbano, Lisboa, Edições Colibri, 2008, p.220

e Albergaria dos Palmeiros: fundado antes de 1292 por peregrinos ingleses, na rua do Hospital dos Palmeiros, com Albergaria anexa,¹² para acolher peregrinos que vinham de Jerusalém. Foi administrado por uma confraria de vinte cidadãos – confraria de Nossa Senhora. A sua existência está confirmada em 1400¹³ e em 1551. D. João V entregou a administração à Congregação do Senhor Jesus dos Perdões.¹⁴ Em 1628 foi destinado a recolhimento de meninos perdidos¹⁵ e ardeu no terramoto de 1755.¹⁶

C) Século XIV

- **Hospital de Santo Eutrópio e Santa Bárbara:** fundado em 21 de Agosto de 1308 pelo bispo do Algarve D. João Soares Alão; acolhia 4 pobres dos dois sexos, nas casas que o bispo possuía no Largo dos Lóios, quase defronte da Igreja, na freguesia de S. Bartolomeu.¹⁷

- **Hospital de S. Denis, de Odivelas:** fundado por D. Diniz, sendo anterior a 1325.¹⁸ Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.¹⁹

- **Merceria de Bartolomeu Joanes ou Hospital de S. Bartolomeu:** considerado um dos mais importantes de Lisboa, foi instituído em 1324, junto à Capela de São Bartolomeu, próximo da Sé, para acolher 12 pobres envergonhados.²⁰ Fundado por um amigo de D. Diniz,²¹ Bartolomeu Joanes, determinando que comportasse privada (latrina) e “cozinha apartada”.²²

- **Hospital do Cónego João Vicente:** fundado cerca de 1338, localizado na freguesia de S. João da Praça, tendo uma merceria com 6 camas para pobres

envergonhados.²³

- **Hospital dos membros:** anterior a 1343, ignorando-se onde estava localizado, conhecendo-se a sua existência pelas referências que lhe são feitas no testamento de Maria Esteves.²⁴

- **Hospital de Santa Bárbara:** anterior a 1343, sendo citado no testamento de Maria Esteves; existe a dúvida se seria o hospital designado de Santo Eutrópio e de Santa Bárbara.²⁵

- **Hospital de Rosas Valles:** anterior a 1343, é citado igualmente no testamento de Maria Esteves. O nome parece ser corrupção de Roncesvalles, espanhol contemplado no testamento da Rainha Santa Isabel; ignora-se se este hospital seria o mesmo do Hospital dos Pireneus.²⁶

- **Hospital e Albergaria de Maria Esteves:** fundado em 1343, localizava-se no Largo de Santo André, freguesia de Santo André; tinha 6 camas. A Albergaria era anexa ao hospital.²⁷

- **Hospital e Merceria de D. Teresa Anes de Toledo, Hospital de D. Grácia ou Hospital de Conde D. Pedro:** localizava-se junto à Sé, sensivelmente no local da actual igreja de Santo António. D. Grácia Froiaz, teve um filho bastardo de D. Diniz, D. Pedro Afonso, conde de Barcelos; o conde D. Pedro herdou de sua mãe umas casas junto à Sé, tendo-as por sua vez legado a D. Teresa Anes de Toledo, com quem vivia intimamente no final da sua vida. D. Teresa fundou uma capela no claustro da Sé, anexando-lhe um hospital. Este hospital para pobres e inválidos, instituído em 1348, provavelmente só começou a funcionar em 1350, sendo provedor Pero Esteves, antigo vedor do infante D. Pedro Afonso.²⁸ A Merceria era

anexa ao hospital, dando abrigo a 5 merceeiros. O hospital foi administrado no final do séc. XV pelo Senado de Lisboa e depois incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.²⁹

- Mercearias de D. Afonso IV e da rainha D. Brites: Instituídas por testamento de D. Afonso IV e sua mulher D. Brites (ou Beatriz), que deixaram um regulamento para o funcionamento da instituição.³⁰ Localizava-se defronte do Campo das Cebolas, na Ribeira,³¹ aí se alojando 12 merceeiros e 12 merceiras.³² Sabe-se da existência desta Mercearia cerca do ano de 1543, localizada nas traseiras da igreja de Santo António, local onde parece ter ficado até ao tempo de terramoto de 1755. Em 1785 construiu-se de raiz, ao pé da igreja de S. Jorge (já desaparecida), na Rua do Limoeiro, uma casa para os merceeiros. A instituição foi, por decreto de 26 de Novembro de 1851, incorporada no Asilo de Mendicidade.³³

- Hospital de D. Maria Aboim: situado perto de S. Domingos (Portas de Santo Antão), freguesia de Santa Justa. Fundado em 1375, tinha 10 camas destinadas a merceiras.³⁴ Foi administrado durante muitos anos pela Câmara de Lisboa, sabendo-se que um dos seus Provedores, Lourenço Anes o Curto, foi exonerado pelo rei em 1439, a pedido da Câmara, por incompetência e falta de zelo.³⁵ Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.³⁶

- Hospital de Salomão Negro: situado na Rua da Praça, ao Poço da Foteia (entre a Rua do Comércio e a Rua de São Julião), freguesia da Madalena, local da Judiaria Grande ou Judiaria Velha, onde se concentravam as habitações de judeus. Fundado

por Salomão Negro, judeu (1367-1383), que o legou, com mais bens, à comuna dos judeus.³⁷

Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos, cerca de 1503.

- Hospital de campanha durante o cerco de Lisboa em 1384: em Maio de 1384 cercou Lisboa o rei D. João de Castela; o Mestre de Avis entendeu defender a cidade ao longo da sua muralha. Foi então montado um hospital: *“Acerca da porta de Santa Caterina [...] estava sempre uma casa prestes, com camas, e ovos, e estopas, e lençóis velhos pera romper, e celorgião (cirurgião), e triaga (fármacos), e outras necessárias cousas pera pensamento dos feridos, quando tornávom das escaramuças.”*³⁸ Terá sido o primeiro hospital com médico residente?

- Hospital de Santo Estação: localizava-se na Praça dos Escravos³⁹; fundado cerca de 1389 por Pero Esteves e mulher, Clara Afonso, determinando *“que nem rei nem príncipe, nem arcebispo ou bispo, tivessem nada que ver com o estabelecimento pio que eles ordenavam”*. Em 1489, não existindo descendentes, interveio D. Afonso V, nomeando um administrador.

- Hospitalinho: fundado no séc. XIV por João Afonso Alenquer, localizava-se no actual cruzamento das ruas Garret, Serpa Pinto e da Trindade, ao Chiado.⁴⁰ Dele ainda encontramos referência, na freguesia dos Mártires, em 1758: *“Na rua do Ferragial limite desta freguesia até ao tempo do terramoto havia uma lojas, chamado o Hospitalinho, em que habitavam algumas pobres por provimentos que lhe davam os Irmãos da Mesa da Irmandade de Santo António dos Nobres sita no convento de São Francisco da Cidade como administradores do dito Hospitalinho.”*⁴¹

29- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11-12

30- Carlos Guardado da Silva, Lisboa Medieval – a organização a e estruturação do espaço urbano, Lisboa, Edições Colibri, 2008, p. 224

31- João Batista de Castro, Mappa de Portugal, tomo I, p. 348, citado em Carlos Guardado da Silva, Lisboa Medieval – a organização a e estruturação do espaço urbano, Lisboa, Edições Colibri, 2008, p. 168

32- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 12

33- Júlio de Castilho, Lisboa Antiga – Bairros Orientais, 2ª ed., vol. VI, Câmara Municipal de Lisboa, 1936, p. 37-38

34- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10

35- Augusto da Silva Carvalho, Crónica do Hospital de Todos-os-Santos, Edição do V Centenário da Fundação do Hospital Real de Todos-os-Santos, 1992, p. 285-286

36- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

37- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

38- Fernão Lopes, Primeira parte da Crónica de D. João I, vol. III, 2ª ed., Lisboa, Livrarias Aillaud & Bertrand, 1922, p. 24-25

39- Mário Carmona, O Hospital Real de Todos-os-Santos da Cidade de Lisboa, 1954, p. 153

40- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

41- Paróquias da Baixa-Chiado, Memórias de Uma Cidade Destruída, Alêtheia Editores, 2005, p. 86

42- Luiz de Macedo, A Rua das Pedras Negras, Lisboa, Edição da UP, 1931, p. 25

43- Luiz de Macedo, A Rua das Pedras Negras, Lisboa, Edição da UP, 1931, p. 26-33

44- José-Augusto França, Lisboa, História Física e Moral, 2ª ed, Lisboa, Livros Horizonte, 2009, p. 71

45- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11

46- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

47- Rita Luis Sampaio da Nóvoa, A Casa de São Lázaro de Lisboa – Contributos para uma história das atitudes face à Doença (sécs. XIV – XV), dissertação de mestrado em história medieval, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 2010, p. 67

D) Século XV

- **Hospital do Espírito Santo dos Mercadores:** referenciado no ano de 1400, no testamento de Catarina Lopes, que deixou a seu herdeiro Gonçalo Rodrigues Camelo uma quinta, com a condição de este manter um capelão na capela do hospital, o qual diria missas por sua alma e pela de seu marido.⁴²

- **Hospital e Albergaria da Madalena:** fundados por Catarina Lopes, às Pedras Negras, freguesia da Madalena. A Albergaria, referenciada no seu testamento em 1400, mantinha 5 pobres, sendo administrada por um *homem bom* da freguesia; por morte de Catarina Lopes, ficou como administrador Gonçalo Rodrigues Camelo, sucedendo-lhe o filho Gonçalo Gonçalves Camelo, falecido sem descendência em 1451; deixou este a administração

da albergaria a Afonso de Almada, escudeiro da casa real, continuando a administração da albergaria a passar de pai para filho, até que, em 1749 mandou João de Almada deitar abaixo as casas.⁴³

- **Hospital de João Afonso:** encontra-se registado como anterior a 1437⁴⁴, localizando-se na freguesia dos Mártires. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.⁴⁵

- **Hospital do Espírito Santo, de Alfama:** dos pescadores, situado ao Chafariz dos Cavalos, freguesia de S. Miguel. Tinha uma confraria da mesma invocação, instituída em 1470. Foi incorporado administrativamente no Hospital de Todos-os-Santos.⁴⁶

- **Casas para pestíferos:** construídas pelo Conselho de Lisboa em 1493, junto à Gafaria de S. Lázaro.⁴⁷



Cristina Moisão

3ª parte

Hospitais Medievais de Lisboa

Conseguimos apurar a existência de 40 hospitais, maioritariamente pertencentes a confrarias relacionadas com ofícios e incorporados no Hospital de Todos-os-Santos, cuja data de funcionamento não conseguimos apurar pela documentação consultada:

- **Hospital dos Escolares ou de Santo André:** na Rua dos Cegos, com frente para a Rua de S. Tomé, no Bairro dos Escolares, na freguesia de Santo Estevão de Alfama. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.¹

- **Hospital de Afonso Martins Albernaz:** na freguesia de S. João da Praça, às portas da Alfama; fundado por Afonso Martins Albernaz. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.²

- **Hospital de Santa Maria:** dos alfaiates, situado no monturo da Orca, na freguesia de S. João da Praça, entre o Beco da Alfama e o Largo do Terreiro do Trigo; composto por uma casa térrea, com 12,10 m x 5,50 m. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.³

- **Hospital de Santa Maria dos Francos:** dos hortelões e almoineiros, situado na Rua

Nova dos Ferros,⁴ na freguesia de S. Pedro da Alfama. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.⁵

- **Hospital de São Jorge:** dos armeiros, barbeiros, caldeireiros, hortelões e escolares (?); situado na Rua da Betesga, freguesia de Santa Justa. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.⁶

- **Hospital dos carneiros:** situado na Travessa da Sombreiraria, ao Poço do chão, na freguesia de S. Nicolau (Ruas do Ouro e da Conceição). Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.⁷ Existiu também uma Albergaria dos Carneiros, na Carniçaria Velha, referenciada em 1285.⁸

- **Hospital de Santa Maria das Mercês:** dos carpinteiros, correiros, odreiros e pedreiros; localizado às Pedras Negras, freguesia de S. Nicolau, sendo

gerido por uma irmandade. Parece ter tido em anexo a Albergaria dos Sapateiros, referenciada na Rua de São Nicolau⁹ ou na rua dos Coreiros em 1283.¹⁰ Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.¹¹

- **Hospital de São Vicente do Corvo:** dos carpinteiros da ribeira, situado na Rua de Castelo Picão, no bairro dos escolares, freguesia do Salvador. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.¹²

- **Hospital dos Clérigos pobres:** localizado na Rua da Betesga, freguesia de Santa Justa. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.¹³

- **Hospital do Corpo Santo:** dos mareantes (?), situado na freguesia da mesma invocação. Embora incorporado no Hospital de Todos-os-Santos¹⁴, encontramos-lo ainda descrito



São Cosme (médico, decapitado cerca do ano de 287 por ordem do imperador Diocleciano), Museu de Santa Clara-a-Velha, Coimbra (Cristina Moisés, 2010)

cerca de 1551: *“O hospital e confraria do Corpo santo está na freguesia dos Mártires.”*¹⁵

- **Hospital de São Pedro Mártir:** dos corretores, localizado na Rua de São Pedro Mártir, freguesia de Santa Justa, à Mouraria; Tinha de área 11,73 m x 9,53 m. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.¹⁶

- **Hospital do Espírito Santo da**

Alcáçova: situado na freguesia de Santa Cruz do Castelo e governado por uma confraria; foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.¹⁷ Encontram-se duas outras referências, possivelmente da mesma instituição: um hospital existente ao tempo de D. Afonso IV, para o qual a rainha D. Brites foi autorizada a comprar bens de raiz,¹⁸ junto à Alcáçova, e um

1- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11

2- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

3- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11

4- Mário Carmona, O Hospital Real de Todos-os-Santos da Cidade de Lisboa, 1954, p. 154

5- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11

6- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11

7- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11

8- Carlos Guardado da Silva, Lisboa Medieval – a organização a e estruturação do espaço urbano, Lisboa, Edições Colibri, 2008, p. 282

9- IANT/IT, Chancelaria de D. Pedro, Doc. 1128, fl. 534, 1366 Agosto 19, in Carlos Guardado da Silva, Lisboa Medieval – a organização a e estruturação do espaço urbano, Lisboa, Edições Colibri, 2008, p. 254

10- Carlos Guardado da Silva, Lisboa Medieval – a organização a e estruturação do espaço urbano, Lisboa, Edições Colibri, 2008, p. 282

11- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11

12- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11

13- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11

14- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11

15- Cristóvão Rodrigues de Oliveira, Lisboa em 1551 - Sumário (em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas como seculares que há na cidade de Lisboa), Livros Horizonte, 1987, p. 56

16- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11

17- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11

18- Júlio de Castilho, Lisboa Antiga – Segunda Parte – Bairros Orientais, 2ª ed., vol. IV, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1936, p. 122



- 19- Carlos Guardado da Silva, Lisboa Medieval – a organização a e estruturação do espaço urbano, Lisboa, Edições Colibri, 2008, p. 240
- 20- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11
- 21- Mário Carmona, O Hospital Real de Todos-os-Santos da Cidade de Lisboa, 1954, p. 56
- 22- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11
- 23- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11
- 24- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11
- 25- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11
- 26- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 10-11
- 27- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11
- 28- Cristóvão Rodrigues de Oliveira, Lisboa em 1551 - Sumário (em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas como seculares que há na cidade de Lisboa), Livros Horizonte, 1987, p. 63

Gravura de Lisboa onde se destaca o antigo Hospital de Todos-os-Santos. *Olisippo. Lisabona.* Anónimo. 2ª metade do séc. XVI. In - Georgius Braun. *Civitates Orbis Terrarum*, 1593, vol-5, Museu da Cidade, Lisboa.

outro denominado Hospital da Rainha também na Alcóva, que se encontrava instituído em 1335, desconhecendo-se a data da sua fundação.¹⁹

- **Hospital dos Ganha-dinheiros:** dos jornaleiros e trabalhadores, localizada na Rua do Anjo, freguesia de São Nicolau (cruzamento das Ruas do Ouro e da Conceição). Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.²⁰ Parece ter terminado o funcionamento cerca de 1500.²¹
- **Hospital de Santa Iria:** em Santa Iria da Azóia. Incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.²²
- **Hospital de Santa Maria da Pomba ou de São João de Braga:** situado na Rua da Regueira, na freguesia do Salvador, ao Chafariz dos Cavalos. Incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.²³
- **Hospital de D. Maria Aramenha:** dos alfaiates, localizado na Rua

das Portas da Cruz, na freguesia de Santo Estevão de Alfama. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.²⁴

- **Hospital dos Ourives:** na Rua do Arco do Rossio, incluída depois na Rua do Lagar do Sebo, freguesia de S. Nicolau. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.²⁵
- **Hospital de Santa Maria dos Mártires:** dos peleiteiros (curtidores de peles), localizado na Rua Nova de El-Rei, freguesia dos Mártires. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.²⁶
- **Hospital dos pescadores de Cataquefarás:** localizado na Rua da Amoreira, junto ao Tronco (cadeia), freguesia de S. Nicolau; foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos,²⁷ Era provido pelos pescadores, ainda se encontrando descrito com localização própria em 1551.²⁸

- **Hospital de Santana ou Hospital dos Incuráveis:** dos tanoeiros, situado nas Fangas da Farinha. Existem dúvidas se foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos, uma vez que pode ter existido outro hospital com a mesma designação.²⁹ Encontramos dele a seguinte descrição: *“O Hospital de Santana às fangas da farinha é muito antigo, onde há sempre enfermos de enfermidades incuráveis. E afirma-se que há agora alguns doentes de vinte e trinta anos. Há nele duas enfermarias, uma por baixo com treze leitos, e outra por cima com doze. E tem cuidado da casa uma enfermeira.”*³⁰

- **Hospital dos Tecelões:** localizado na Rua da Mangalaça, freguesia de Santa Justa. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.³¹

- **Hospital de São Vicente dos Romeiros ou S. Vicente dos Meninos:** situado na freguesia da Sé, junto à Porta de Ferro. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.³²

- **Hospital de Nossa Senhora das Virtudes ou da Vitória:** para incuráveis, localizado ao Poço do Chão. Referenciado como incorporado no Hospital de Todos-os-Santos³³, encontramos ainda referido em 1551: *“O Hospital de Nossa senhora da Vitória é antigo. Há sempre nele enfermos incuráveis, tem duas enfermarias, uma por baixo, e outra por cima, com catorze leitos.”*³⁴

- **Hospital do Espírito Santo, de Benfica:** localizado junto à Igreja paroquial. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.³⁵

- **Hospital do Santo Espírito, do Lumiar:** localizado junto ao adro da igreja paroquial; era possuidor de muitos bens. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.³⁶

- **Hospital do Santo Espírito, de Bucelas:** Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.³⁷

- **Hospital do Santo Espírito, da Charneca:** Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.³⁸

- **Hospital do Santo Espírito, da Sapataria:** localizado em sobral de Monte Agraço, para doentes e peregrinos. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.³⁹

- **Hospital de Sacavém, ou de Gonçalo Vaz:** Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.⁴⁰

- **Hospital de Oeiras:** Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.⁴¹

- **Hospital de Nossa Senhora, dos Olivais:** Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.⁴²

- **Hospital de Alverca:** um dos mais antigos. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.⁴³

- **Hospital de Nossa Senhora, da Ameixoeira:** situado junto à igreja paroquial; gerido por uma confraria. Foi incorporado no Hospital de Todos-os-Santos.⁴⁴

- **Hospital e mercearia de Sancha Dias:** contíguos, localizados na freguesia dos Mártires, junto à Casa do Espírito Santo. A Mercearia tinha 11 camas.⁴⁵

- **Hospital de São Mateus:** localizado junto à ermida da mesma invocação, no actual Poço do Borratem, foi mais tarde transformado numa mercearia por João da Regras. No mesmo local foi erigido mais tarde o Hospício de S. Camilo de Lelis. É possível que este hospital mais não fosse que a albergaria de Payo Delgado.⁴⁶

- **Hospital de Nossa Senhora dos Remédios e de Santo Estevão:** dos pescadores

29- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

30- Cristóvão Rodrigues de Oliveira, Lisboa em 1551 - Sumário (em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas como seculares que há na cidade de Lisboa), Livros Horizonte, 1987, p. 62

31- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

32- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

33- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

34- Cristóvão Rodrigues de Oliveira, Lisboa em 1551 - Sumário (em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas como seculares que há na cidade de Lisboa), Livros Horizonte, 1987, p. 61-62

35- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

36- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

37- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

38- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

39- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

40- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

41- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

42- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

43- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

44- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

45- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 12

46- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 9, 11



Vestígios arqueológicos ao nível do rés do chão do antigo Hospital de Todos-os-Santos ao Rossio. Trabalhos coordenados pelos arqueólogos Rodrigo Banha da Silva e Marina Carvalhinhos (1999-2001); técnicos do Museu da Cidade.

47- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

48- Cristóvão Rodrigues de Oliveira, Lisboa em 1551 - Sumário (em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas como seculares que há na cidade de Lisboa), Livros Horizonte, 1987, p. 63

49- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 11

50- Cristóvão Rodrigues de Oliveira, Lisboa em 1551 - Sumário (em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas como seculares que há na cidade de Lisboa), Livros Horizonte, 1987, p. 63

51- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 12

52- Cristóvão Rodrigues de Oliveira, Lisboa em 1551 - Sumário (em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas como seculares que há na cidade de Lisboa), Livros Horizonte, 1987, p. 51

53- Mário Carmona, O Hospital Real de Todos-os-Santos da Cidade de Lisboa, 1954, p. 154

54- Fernando da Silva Correia, Os Velhos Hospitais da Lisboa Antiga, Revista Municipal nº 10, Câmara Municipal de Lisboa, 1941, p. 12

55- Cristóvão Rodrigues de Oliveira, Lisboa em 1551 - Sumário (em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas como seculares que há na cidade de Lisboa), Livros Horizonte, 1987, p. 55-56

“chrischeyros”, situado em Alfama, freguesia de S. Miguel (?).⁴⁷ O *Sumário* referencia-o na freguesia da Santo Estêvão, com uma ermida associada, designada por ermida de Nossa Senhora dos Remédios, referindo que tinha onze camas para mulheres pobres.⁴⁸

- **Hospital dos Pescadores linheiros:** situado em Alfama, freguesia de Santo Estêvão, às Portas da Cruz, no cruzamento da Rua do Paraíso com as Portas da Cruz.⁴⁹ Tinha três camas, sendo sustentado pelos pescadores linheiros apenas em camas e casa.⁵⁰

- **Hospital do Espírito Santo da Pedreira:** situava-se no local da Pedreira de Lisboa (Rua Nova do Almada).⁵¹ “A igreja do santo Espírito da pedreira está na freguesia de são Gião e são Nicolau. (...) fundada antigamente por dom Adão e dona Sancha (...) Há mais dez merceiras, que têm seu aposento dentro na casa;”⁵² Incorporado no Hospital de Todos-os-Santos, cerca de 1503.⁵³

- **Hospital dos Tanoeiros:** localizado na Rua do Poço do Chão (Rua do Ouro, Sapateiros e Vitória), na freguesia de S. Nicolau.⁵⁴

- **Hospital da Ermida de Nossa senhora da Ajuda:** referenciada em 1551: “A Ermida de Nossa senhora da Ajuda é anexa à Sé. Está fora dos muros. (...) Há nesta ermida um hospital, (...) com gasalhado para pobres a que os confrades dão cama, lume e água; (...) E tem duas confrarias: uma de Nossa Senhora e outra de São Sebastião.”⁵⁵

Conclusão

No presente estudo fazem-se referência à existência comprovada de 77 hospitais em funcionamento na cidade de Lisboa e seu termo durante a Idade Média; se atendermos às suas capacidades e calculando uma média de 5 leitos por instituição, obtemos quase 400 camas destinadas a acolhimento de doentes ou inválidos, número considerável para a demografia lisboeta de então. Certo é que o Humanismo se sobrepunha à Ciência na instituição e administração destes hospitais; contudo não deixariam de prestar os adequados cuidados de saúde aos seus doentes. Poderemos ainda constatar que o estudo universitário da Medicina se instituiu desde o início no Estudo Geral, cerca de 1289, formando Físicos que prestavam provas das suas aptidões; contrariamente ao que tem sido afirmado com frequência, também a Cirurgia se distinguiu como autónoma, pelo menos assim o era em 1384, já libertada de conexões a outros grupos profissionais como barbeiros e sangradores. Por fim, consideramos que este tema está longe de se encontrar esgotado. Muito haverá ainda por descobrir na Medicina medieval portuguesa...